

Paulo da Trindade Nerys Silva
Sergio Augusto Rosa de Souza
Isidoro Cruz Neto
(Org.)

**O DESENVOLVIMENTO HUMANO:
PERSPECTIVAS PARA O SÉCULO XXI**
Volume 2

**Atividade Física e Saúde, Inclusão
Social e Formação Profissional**



EDUFMA

São Luís
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Natalino Salgado Filho

Reitor

Prof. Dr. Antonio José Silva Oliveira

Vice-Reitor

Profª. Dra. Sonia Maria Correa Pereira Mugschl

Pró-Reitora de Ensino

Profª. Drª. Marize Barros Rocha Aranha

Pró-Reitora de Extensão

Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Profª. Drª. Nair Portela Silva Coutinho

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – CCBS

Prof. Dr. Mário Norberto Sevilho de Oliveira Júnior

Chefe do Departamento de Educação Física

Prof. Sanatiel de Jesus Pereira

Diretor da EDUFMA

Capa e Editoração Eletrônica: Amaury Araujo Santos

Revisão: Janaína Moraes Costa

Impresso no Brasil – Printed in Brazil

Efetuada o depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº. 10.994 de 14 de dezembro de 2004

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

FICHA CATALOGráfICA

O desenvolvimento humano: perspectivas para o século XXI - atividade física e saúde, inclusão social e formação profissional/ Organizadores: Paulo da Trindade Merys Silva, Sérgio Augusto Rosa de Souza, Isidoro Cruz Neto. – São Luís: Edufma, 2013.

340 p.

v. 2

ISBN 978-85-7862-294-7

1. Envelhecimento- Memória. 2. Envelhecimento - Atividade Física. 3. Identidade- Lazer-Cultura. I título.

CDU 796:159.922

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
APRESENTAÇÃO	11
ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE	
A SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: um inimigo silencioso	
Fabiano Ameida	
Luciana Motta	
Paula Diniz	
Dayanne Garcês	17
ADVERSIDADE E RESILIÊNCIA DE JOVENS PORTUGUESES EM MEIOS NATURAIS DE VIDA E EM LARES DE INFÂNCIA E JUVENTUDE	
Judite Zamith-Cruz	
Beatriz Vasconcelos	
Lilianne Freitas	
Patrícia Holanda Carriaro	
Tâmara Furtado da Silva	
Rosane Maria Gonçalves	37
AVALIÇÃO DO RISCO CARDÍACO EM MULHERES PÓS-MASTECTOMIZADAS: relação ICQ e IMC	
Andréa Dias Reis	
Francisco Navarro	
Maisa Carvalho Rezende Soares	
Surama do Carmo Souza da Silva	
Janayara Carvalho da Silva	
Rebeca Sâmela Alves Lopes Coêlho	47
DIFERENÇAS DE GÊNERO E DE IDADE NA PRÁTICA DE MODALIDADES EM GINÁSIO/ACADEMIA	
Rosa Branca Tracana	
Marisa Alpuim	
Graça S. Carvalho	55
ESPORTE E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA OPINIÃO DE TREINADORES DE VOLEIBOL	
Márcio José Kerkoski	
André Kugler	
Camila Stefani Orsso	67

INCLUSÃO SOCIAL

IMPORTÂNCIA DA MUDANÇA DE ESTILO DE VIDA PARA O CONTROLE DA HIPERTENSÃO ARTERIAL SEGUNDO IDOSOS HIPERTENSOS Regina de Fátima Cruz de Morais Cleudson de Morais Silva Ana Hélia de Lima Sardinha Ana Karine Pires Miranda Elisneide de Morais Silva Joseanne Alves Pereira da Silva Maira Fernanda Veiga de Sousa 75	ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL X BARREIRAS PARA O ACESSO E PERMANÊNCIA NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO Thelma Helena Costa Chahini Silvana Maria Moura da Silva 163
NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA DOS ADOLESCENTES DE UMA IGREJA CRISTÁ DE SÃO LUÍS, MARANHÃO Felipe de Lima Alves Orientador: Esp. Jozimar Prazeres 87	ATTUDES SOCIAIS DE PROFESSORES E ALUNOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO EM RELAÇÃO À INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR Thelma Helena Costa Chahini Sadao Omote 173
NÍVEL DE DESIDRATAÇÃO EM ATLETAS UNIVERSITÁRIOS DE ATLETISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO Poliane Dutra Alvares Andréa Dias Reis Renata Rodrigues Diniz Máisa C. Resende Soares 97	BRINCAR NOS AMBIENTES FAMILIARES: orientações aos pais e/ou cuidadores de crianças com baixa visão na primeira infância Silvana Maria Moura da Silva Maria da Piedade Resende da Costa 183
OBESIDADE INFANTIL EM ADOLESCENTES ESCOLARIZADOS: influência da alimentação, atividade física e lazer Amâncio Carvalho Maria Matos Maria Meneses Maria Espinheira 107	“CAMINHANDO” PELAS POSSIBILIDADES: uma vivência pedagógica de inclusão docente no cotidiano da educação física Lilian Castelo Branco de Lima Manoel Costa Sousa Ruy Rincon Neto Thiago da Silva Soares 193
PREVENÇÃO DE MÁSPOSTURAS CORPORAIS EM CRIANÇAS DOS 7 AOS 12 ANOS, DO LITORAL E DO INTERIOR DE PORTUGAL Graça S. Carvalho Anália Ferreira Rosa Branca Tracana 119	EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO: concepções, atitudes e nível de capacitação dos professores Elisneide de Morais Silva Ana Karine Pires Miranda Cleudson de Morais Silva Maira Fernanda Veiga de Sousa 207
QUALIDADE DE VIDA E SINTOMATOLOGIA DE MULHERES CLIMATÉRICAS Laila Fernanda de Souza Avelar Máisa Carvalho Rezende Soares Francisco Navarro 137	ESTILO DE VIDA E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS Alexandre Carricone Marques 217
SAÚDE E DESENVOLVIMENTO ADOLESCENTE: Relação entre tomada de decisão, comportamento sexual, autoestima e imagem corporal Zélia Anastácio 149	MUDANÇAS NAS EXPECTATIVAS DAS MÃES DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA 1ª INFÂNCIA APÓS AS ORIENTAÇÕES Silvana Maria Moura da Silva Maria da Piedade Resende da Costa 233
	RECREAÇÃO TERAPÊUTICA: a educação artística em crianças sob tratamento oncológico em Portugal e no Brasil Denise Rocha Graça Carvalho 243

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A INVESTIGAÇÃO SOBRE O ENSINO DAS ATIVIDADES FÍSICAS E DESPORTIVAS	257
Paulo Pereira	257
AS PRÁTICAS CORPORAIS E O BULLYING: uma reflexão sobre a violência no ambiente escolar	281
Ronnie Fonseca Barbosa Evando Carlos Moreira	281
AValiação DA APRENDIZAGEM EM EDUCAÇÃO FÍSICA: uma análise dos documentos oficiais	291
Carlos Frederico Ribeiro Maia Silvana Martins de Araújo	291
AVAlIAÇÕES EDUCACIONAIS: Brasil e Portugal no pêndulo da balança	299
Jussara Bueno de Queiroz Paschoalino Fernando Selmar Rocha Fidalgo José Alberto Correia	299
CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DA ATUAL GRADE CURRICULAR DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFMA: o caso das turmas de 2006.1 e 2006.2.	311
Carolline Alexandra Mendes Souza Sérgio Augusto Rosa de Souza	311
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: o que temos e o que queremos?	319
Evando Carlos Moreira	319
EDUCAÇÃO FÍSICA/DESPORTO: caminho para uma ética universal o multicultural e a escola em análise	329
Antônio Camilo Cunha	329

PREFÁCIO

Este livro, esta reservado aos estudos da Educação Física, Saúde, Inclusão Social e Formação Profissional, temas definidos como básicos, quando a comissão organizadora do VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E SAÚDE – SIEFLAS 2012 -, iniciou seus primeiros encontros no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão. Naquela ocasião estávamos procurando uma abrangência para permear nossos objetivos e definir os eixos temáticos daquele evento. Posteriormente fomos convocando, docentes e acadêmicos de nossa instituição, no sentido de discutirmos nosso planejamento metodológico e, desta forma, nosso seminário foi sendo absorvido pela nossa universidade. A Educação Física passou a ser o eixo central das propostas a serem discutidas nas seções programadas. Estava claro para os organizadores que, a partir desta perspectiva, iríamos ampliar as interfaces, com as mais diversas áreas de conhecimentos. Na segunda vertente decidimos pelos estudos da Saúde, que fundamenta de forma básica nossos aspectos biopsicossociais; quando pensamos em nossas práticas de atividades físicas. Paralelamente a estas discussões sentimos a necessidade de propor a Inclusão Social no sentido de possibilitarmos uma ampla discussão interdisciplinar na metodologia do seminário em São Luís do Maranhão.

No sentido de melhor aprofundarmos estes temas, docentes de outras áreas foram convidadas para compor a comissão e desta forma passamos a contar com os Departamentos de Turismo, da UFMA e Arquitetura, este da Universidade Estadual do Maranhão. A partir destas presenças passamos a discutir com mais propriedade, nossa formação profissional e suas relações com outras áreas. Assim, foi concretizada nossa proposta primordial - discutir o DESENVOLVIMENTO HUMANO e suas perspectivas para o Século XXI.

Para este livro a comissão organizadora, selecionou os textos que foram encaminhados pelos pesquisadores envolvidos com os temas acima mencionados. Tivemos a grata satisfação de nos encontrarmos com dificuldades para incluir os melhores textos relacionados a estes estudos. Participaram desta seleção, textos de arquitetos, psicólogos, comunicólogos, historiadores, educadores, gestores, idosos, acadêmicos e principalmente professores de Educação Física de São Luís, Estado do Maranhão,

EDUCAÇÃO FÍSICA/DESPORTO: caminho para uma ética universal e a escola em análise

António Camilo Cunha¹

Resumo

A reflexão tenta mostrar a importância da Educação Física/Desporto no tocante à dimensão axiológica. Depois de uma análise ao Desporto nas suas mais diversas manifestações e abrangências, tentaremos mostrar a possibilidade do desporto ser de fato um caminho de manifestação ética (universal) num locus particular - a escola que agora traz em si a realidade multicultural. Neste envolvimento pretendemos responder à pergunta: *Como fazer da Educação Física/Desporto um caminho para uma ética universal no contexto escolar?* Para tentar responder a esta questão vamos desconstruir o *caminho dominante* existente e ao mesmo tempo mostrar um *possível novo caminho*.

Palavras-chave: Educação Física/Desporto. Multiculturalidade. Ética. Escola.

Introdução

O Desporto é um dos principais fenómenos sociais (*educativos/escolares*) e uma das maiores instituições do mundo. Reflete a forma como a sociedade se organiza (global, multicultural e complexa...), espelha as diferenças e particularidades humanas, sendo uma das organizações com mais visibilidade na indústria cultural contemporânea. Mas, o desporto tem em si, transporta em si, uma outra "coisa" estruturante na vida dos homens: a ideia de *cultura* e a ideia *moral e ética*, como forma de encontrar o bem, o bom e o belo, ou se quisermos, encontrar uma estética para humanidade expressa na procura constante da felicidade, do equilíbrio e da perfeição. O desporto tem também essa missão. É neste contexto, que desenvolveremos a reflexão. Convocando a *escola (agora multicultural)* e a *educação física /desporto* tentaremos demonstrar que é possível criar

¹ Doutor em Estudos da Criança; Universidade do Minho - Instituto de Educação - CIEC (Centro de Investigação em Estudos da Criança), Campus de Gualtar - Braga - Portugal - Cep: 4710-057; e-mail: camilo@ie.uminho.pt

uma praxis desportiva que estimule uma ética que seja universal e por isso radical. E por ser universal e radical trará porventura o sentido pedagógico da responsabilidade.

A reflexão está estruturada em dois momentos:

- Num primeiro momento vamos abordar alguns olhares sobre desporto e cultura e fazer elevar algumas constatações;
- Num segundo momento tentaremos responder à pergunta: Como fazer da educação física/ desporto um caminho para uma ética universal no contexto escolar?

Neste envolvimento tentaremos desconstruir o caminho dominante e ao mesmo tempo mostrar um possível caminho novo.

2. Desenvolvimento

2.1 Primeiro momento

2.1.1 Sobre o desporto

Muitas coisas poderiam ser ditas sobre o desporto. Referimos três dimensões – uma mais visível, outra menos visível e uma dimensão que mostra a origem e o percurso.

Dimensão mais visível

- o desporto é um fato social total/mundial. Convoca o indivíduo - na sua individualização, mas também na sua relação - o sentido coletivo;
- o desporto é uma das maiores instituições do mundo - esta ideia de desporto como instituição;
- o desporto reflete a forma como a sociedade se organiza : global, complexa, multicultural, diferente, particular;
- o desporto é uma instituição/organização com mais visibilidade e rentabilidade na indústria cultural - vejamos os jogos olímpicos, os mundiais, e os europeus de todas as modalidades.

Dimensão menos visível

- a análise ao desporto nos sentidos antropológicos, ontológicos, históricos, sociológicos, psicológicos, filosóficos... permite-nos fazer trespassar um eixo comum: O desporto transporta o sentido da sobrevivência e desenvolvimento da espécie humana - o espírito é bom, a matéria é boa.

- o desporto diz respeito ao *homem todo*. Quando falamos no *homem todo* estamos a fazer o elogio ao homem helénico em que o homem todo é o sensível (emoção, calor, amor, ação), o inteligível (razão, paideia) e o metafísico (transcendência, aretê, imaginação, livre arbítrio)

- o desporto tem em si, transporta em si uma “outra coisa” estruturante na vida dos homens: a ideia de cultura (várias culturas); e a ideia de axiologia (moral/ética) que acabam por ser caminhos de encontrar a vida boa (procura do bom, bem e do belo). Acabam por ser formas de encontrar uma estética para a humanidade, pela procura constante da felicidade do equilíbrio e da perfeição.

Dimensão que mostra a origem e o percurso.

A educação física/desporto têm na sua génese (micro), algo que nos pode interessar para esta reflexão. Ela tem um caminho que vai explicar melhor a si mesmo e ao mesmo tempo explicar melhor a ideia de *cultura e axiologia*.

Esse caminho está expresso no *brincar, no jogar e no competir*.

O brincar. O brincar é o início – a criança brinca, o adulto brinca, o cão brinca o gato brinca. O brincar tem a raiz, a potência, a luz inicial. Tem uma dimensão pré-reflexiva, estruturando-se como fundação e recolhimento. Estamos aqui perante a ideia de anúncio, de à-priori, do amoroso, do sensível e se quisermos uma certa forma de poesia. Estamos perante um sonho acordado, ou perante imagens apalavradas que irão sustentar a imaginação.

O jogar. O jogar é o meio – O jogo só existe porque existe uma palavra mágica que a razão fez nascer – essa palavra chama-se *regra*. O jogo, é assim uma forma de organizar o que já existe (brincar), é uma forma de dar ordem, sistematizar mas também criar o novo – novos movimentos, novos pensamentos. Só o homem joga - pensando na racionalidade humana; mas a natureza também joga - pensando numa racionalidade da natureza.

O jogo coloca em marcha aquilo que já aconteceu, dando-lhe *ordem* - com a regra e pela regra. *O homem precisa de ordem!*.

O competir. A competição emerge como mola de impulso para ser mais. Depois de “ultrapassar” (faz parte da nossa massa) a ideia de competir para sobreviver, ter poder, território, alimento, reprodução... (animais fazem isso) humanidade descobriu na competição a *oportunidade de ser mais – real e simbólico*.

Neste envolvimento a competição tem outra característica de fundo que não podemos esquecer: tem como um dos grandes objetivos alcan-

çar a vitória (outra palavra mágica). Este fato, do ponto de vista objetivo, simbólico e até metafísico, acaba por ser também uma certa forma de vitória da vida sobre a morte – dando assim um sentido distendido à existência. A competição que alarga a existência?

2.1.2 Sobre cultura

Não vamos desconstruir os muitos conceitos e reflexões existentes sobre cultura (muitas áreas do saber a abordam - pedagogia, filosofia, antropologia, sociologia, educação...) porque não teríamos tempo, e porventura não fariamos a melhor análise. Vamos no entanto chamar para esta reflexão o olhar de Ferreira Patrício (2009, p.78) - olhar com o qual nos identificamos:

a cultura define-se por oposição à natureza. A natureza é o quadro dado, o que não tem qualquer intervenção do homem, o que simplesmente está aí. A cultura por seu lado é o que o homem acrescenta à natureza (sua natureza – ontológica; natureza/natureza – ecológica) em virtude da sua atividade criadora e transformadora (do espírito humano).

A Cultura eleva-nos assim acima da nossa condição animal. A cultura torna-nos mais completos e inovadores (aprendentes e livres, cultura é liberdade), torna-nos mais largos, profundos, mais leves, ricos e desejavelmente melhores (não necessariamente melhores). Contudo para que a ideia de cultura seja repleta, completa, radical - tem que necessariamente existir um ser melhor - *um homem bom é (necessariamente) um homem culto, e é necessariamente um homem sábio. Elevamos este sentido de ser sábio aquele que aponta uma seta para o coração e não apenas para a razão.*

Convocando agora as características do desporto e da cultura - poderemos dizer com algum acerto que:

1 - O desporto que tem na sua retaguarda o brincar, jogar e competir, foi acrescentado à natureza humana e ecológica e assim se transformou em cultura.

2 - A cultura ficou mais rica, e ao ficar mais rica, maior é a sua capacidade de alargamento e aprofundamento – homem/natureza.

3 - As várias e diferentes formas de brincar, jogar e competir³ correspondem a várias formas de cultura (multicultural) – todas elas de uma riqueza sem fim. A cultura estrutura a identidade e com ela a ideia de felicidade.

2.2 Segundo momento

Recuperemos a pergunta inicial: *Como fazer da educação física/ desporto um caminho para uma ética universal* no contexto escolar?

O caminho dominante

Olhando para a dimensão *desporto e cultura* (multicultural) constatamos que são governadas (na escola, clube...) por aspetos políticos, económicos, ideológicos, académicos (curriculares).

Deste fato (centrando-nos na escola) emergem *conceitos, palavras e práticas* como: programas de intervenção; projetos; integração; aceitação; oportunidades; minorias; novos imigrantes; cultura que entra; individualidade; individualização...

Neste contexto estaremos eventualmente perante um quadro *moral*⁴ (leis, normas, condutas) que vão coordenar e orientar o *sentido multicultural*.

Exemplo: Currículo de educação física/desporto na escola parece ser moral (matérias nucleares e alternativas – para consumo interno).

Quando o jovem Vladimir (Ucraniano) chega à escola (ideia de estrangeiro... a riqueza de ser estrangeiro) vai cumprir o currículo formal de orientação moral. Se porventura tiver a "sorte" de ter um bom professor de Educação Física ele vai ter o cuidado (ética do cuidado – Heidegger - cuidar de si, cuidar de salgo, cuidar de alguém) de integrar nas suas aulas o movimento/desporto da cultura Ucraniana – A este fenómeno vamos chamar de *apelo ético – o possível e o desejável novo caminho*.

Um possível novo caminho

Estamos assim, perante a passagem de um enfoque *moral* para um enfoque *ético*. Por muito que nos possa custar, a multiculturalidade (escola) para ser *ela*, precisa do *apelo e da ação ética* (máximus), que está para lá da moral, da ordem estabelecida.

A ética faz a passagem da *coexistência* (conceitos, palavras, textos legais), para a *convivência* – que é da ordem prática, da ação, é da ordem do ser-no-mundo, do ser - experiência para a totalidade que encontramos na fenomenologia de Merleau Ponty (1999). *A ética faz o acolhimento total e radical*.

A ética tem a capacidade de converter o *pode ser* (da moral) para o *é* (da ética) efetivamente. O *é* da ética é o *é* do ser para si, ser existencial como refere Sartre.

Peguemos no mesmo exemplo: O currículo da educação física/desporto na escola no sentido ético.

Neste caso a escola, os professores de Educação Física fariam o levantamento (estudo, investigação...) de quais as novas culturas existentes na escola. Depois disto teriam o *cuidado* de saber que tipo de cultura motora (brincar, jogar, atividade física, desporto...) era praticada em cada uma das culturas (países, minorias...). Estaríamos perante professores verdadeiramente culturais⁵.

Poder-se-á colocar a questão da eventual dificuldade em conhecer essa cultura. Mas, um bom professor (estudos) é um prático, reflexivo, cultural e investigativo que tem o cuidado de não esquecer a sua formação contínua e permanente⁶ – *formação ao longo da vida*.

Conhecer essas diferentes culturas motoras será um momento, de conhecimento, de *formação contínua e permanente*.

Cumpria-se assim a dimensão multicultural, cumpria-se assim a ideia de escola, e de oportunidade. Oportunidade de divulgar cultura... e a oportunidade de conhecer cultura. *Cumpria-se o é do pensamento e da ação ética*.

Cumpria-se o *apelo ético*⁷, apelo que trespassa todas as culturas e por isso é do campo da ética Universal – a boa, a justa a desejável, de todos e para todos.

Educação Física/Desporto dá mais vida à vida, mais cultura à cultura, mais multicultural ao multicultural. Educação Física e Desporto, rompe, abre, alarga (este alargar a estrada cantado no Maio de 68); põe mais. Mais cidadania, participação, identidade, faz da vida um festejo cheio de significado. *Isto é um caminho pedagógico*⁸.

Referências

- ARANGUREN, J. Ética.** Madrid: Alianza Editorial, 1994.
- BRITO, J.** Ética e Moral. In: _____. (Coord). *Ética das profissões*. Publicação da Faculdade de Filosofia. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2007, p.16-31.
- CABRAL, R.** *Temas de Ética*. Braga: Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia, 2000.
- CAMILO CUNHA, A.** *A Educação Física na Europa e em Portugal – Realidades e possibilidades* (no prelo).
- CAMILO CUNHA, A.** *Ser professor - Bases de uma Sistematização Teórica*. Braga: Edições Casa do Professor, 2008a.

CAMILO CUNHA, A. *Pós - Modernidade, Socialização e Profissão dos Professores de Educação Física - para uma nova Reconceptualização*. Viseu: Visulís – Editores, 2008b.

CORTINA, A. & MARTINEZ, E. *Ética*. Madrid: Ediciones Akal, 1994.

ETXEBERRIA, X. *Temas Básicos de Ética: Ética de las profesiones*. Bilbao: Desclée, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Perceção* 2. ed. São Paulo. Martins Fontes, 1999.

PATRICIO, M. F. Filosofia do Currículo e Formação de Professores: uma reflexão. In: Medeiros, E. (Coord). *Educação, Cultura(s) e Cidadania*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2009.

PIEPER, A. *Ética y Moral. Una Introducción a la Filosofía práctica*. Barcelona: Editorial Crítica, 1990.

RICOEUR, P. *De la Morale à l'éthique et aux Éthiques. Un Siècle de Philosophie*. Paris: Centre Pompidou, 2000.

RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris : Seuil, 1990.

Notas

(Endnotes)

- 1 Esta ideia de ordem, perfeição já cantada na mitologia (cidade de ouro), no mundo das ideias de Platão nas, utopias de Tomás Moro (ilha da utopia) onde a ideia de harmonia, ordem, felicidade estão expressas.
- 2 Associado à ideia de vitória encontramos o seu oposto complementar: a derrota como combustível para as vitórias (paradoxo). Ideia de dor – como caminho para a evolução. A dor faz bem à alma. O desporto constitui-se assim como uma metáfora do homem e da vida
- 3 É esta trilogia iniciática que irá inspirar direta e indiretamente as várias concepções de Educação Física, Camilo Cunha (s.d.). Neste contexto talvez possamos fazer uma pequena taxonomia a quer vamos dar o nome: *As três Educações Físicas - características e possibilidades*:

1º Educação Física (do ser) - O diálogo comigo mesmo é caminho para a dimensão fenomenológica. Dizer de mim mesmo, ser através de

mim...e deixar ser para mim. O eu da experiência, da consciência que dá sentido à vida, voltando para si mesmo. Ser - no - mundo; mundo vida. A Educação Física como retorno às coisas próprias, ao primeiro conhecimento, à consciência, à experiência, ao corpo. Todo corporal, todos os sentidos, corpo aberto sem especializações, o corpo com o outro. *Diálogo com o outro que sou eu; e o eu que é o outro. Eu - tu e o eu - outro.*

Nesta concepção a Educação Física que mostra o corpo e o seu vazio (ideia de vazio). Um vazio cheio de experiência, consciência, intimidade, emoção, intencionalidade, luz, movimento quente, imaginação, sensibilidade, arquétipo, alteridade, resguardo, auxílio, sentido, redução, parêntesis, horizonte, excelência. Mostra um *falar* onde as palavras que são mais fortes que a linguagem; um *refletir* onde existe ação e depois pensamentado; um *transformar*, pela invenção humana, sempre.

2º Educação Física (da escola) - Diálogo com o ensino de corpos. Ensino de regras, normas, comportamentos para preparar o futuro: corpo objeto, corpo destino, corpo movimento. Civilizar, socializar, politizar o corpo e o movimento como caminhos a seguir, pois o educar é resultado de um sentir do futuro - perpetuação e melhoria do futuro, e nesse sentido idealizado por concepções políticas, sociais, culturais e históricas.

O *eu - isso*, o *outro - isso*, o *nós - isso*, reveste-se de sucesso, de vivência de causas, onde a racionalidade, a cultura, a ciência como baluartes de ação. Mostra um *falar* pela linguagem que é mais fortes que as palavras; um *refletir* onde existe pensamento e depois ação; um *transformar* pelo controle e manipulação humana, sempre.

No entanto, e tomando como referência a temática deste escrito consideramos que uma *moral ética* na escola deverá convocar três dimensões estruturantes: a) *ética social* - no espaço escolar (que é público), crianças e jovens devem viver e conviver com diversas dimensões motoras (e tudo o que isso envolve). Neste sentido a Educação Física deve encontrar referências de movimento humano comuns e partilhadas. Sendo assim, far-se-á a desejável e necessária autonomia e liberdade motora; b) *ética pessoal* - há que encontrar uma resolução curricular e formativa entre as "tensões" provocadas pelos "eus" individuais, tendo como referência última o agir/ação e os "issos" curriculares. *Ética reflexiva* - esta tem consequências práticas. Ao discutir-se a dimensão curricular espera-se que seja uma reflexão individual e ao mesmo tempo comum na vivência motora. A ética faz valer uma exigência global (argumentação) mas toma o seu conteúdo na concretude das circunstâncias particulares.

3º Educação Física (do desporto) - Desporto faz uma vida. É uma metáfora da vida, para o bem ou para o mal. Neste sentido é consensual

a necessidade de um caminho ético. Quanto maior o nível de consciência maior o nível ético - desporto como lócus de consciência.

Desporto que convoca a 1ª Educação Física - Desporto aberto onde o tempo, o espaço, os materiais são da ordem do provável improvável. Desporto onde o errar é permitido, onde a capacidade de surpreender-se a si mesmo é mais forte que surpreender os outros (poder), onde o riso e sorriso imperam, onde as perguntas são permitidas, onde corpo "nu" com alma se pode expressar, onde o imprevisível que trás sempre o espanto acontece. *Desporto que convoca a 2ª Educação Física* - Desporto fechado, vestido com rendimento, que quer surpreender os outros. Desporto do não errar, do certo, das respostas, da racionalidade da ação onde a imaginação e a revolta parecem ser reduzidos ao já pensado.

4 A dimensão axiológica é estruturante em qualquer ação humana. Neste contexto poderemos questionar o que são as duas variáveis fundadoras: O que é a moral e o que é a ética?

A Moral tem origem no Latim (*mos-moris*), significa *costume, caráter, modo de ser*. Por sua vez, a Ética apresenta-se como uma forma nominal de origem Grega (já presente na antiga poesia Grega) derivado do substantivo neutro **Éthos** - que significa *morada, toca, lugar onde vivemos, estância*. A partir de Hesíodo, o termo assume uma evolução semântica passando a corresponder à significação *maneira de ser habitual, disposição de espírito, caráter, interioridade de que brotam os atos*. (BRITO, 2007).

Constatamos que há autores que utilizam a moral e a ética com o mesmo significado (CABRAL, 2000) e outros que recorrem aos dois termos para significar conceitos diferentes. Neste contexto, Ricoeur (1990;2000), concordando com a existência dos dois termos elabora uma pequena taxonomia ao dizer que a *moral* é o *anterior*. É o enraizamento das normas da vida (o fixo) é o desejo, a *moral pensada* (Aranguren, 1994), a institucionalização de códigos, a norma jurídica. É o fundamental - são os *mínimos*.

A *ética*, por seu lado, diz respeito ao *posterior*. Corresponde ao enraizamento das normas nas situações concretas. É o aplicado, a *moral vivida* (ARANGUREN,1994). Quando isso acontece (a moral vivida), estamos no campo da ética - são os *máximos*.

A ética é assim uma reflexão crítica, filosófica sobre a moral na procura daquilo que a caracteriza e a justifica. Neste contexto, Cortina & Martínéz (1994), referem também, que a ética tem três funções: *clarificar* o que é o moral e quais as suas características específicas; *fundamentar* a moralidade; *aplicar* aos diversos âmbitos da vida humana o que se descobriu nos primeiros pontos. Ou como afirma Exeberria (2002) a função da ética é precisar os bens supremos, imperativos, regras, que se constituem

como referencial moral último da nossas ações - incitar à vivência da vida moral como expressão da humanidade do ser humano (PIEPER, 1990).

Aqui, poderemos fazer emergir uma primeira ideia. A moral corresponde a uma atmosfera *teórica, normativa*; a ética corresponde à *prática* pela procura da vida boa. Vida boa individual, social, *formativa e educativa* que tem na dimensão axiológica o bom porto

5. Pensamos que um *professor cultural* tem mais possibilidades de mudar o modo de pensar e de agir - Práxis. De uma praxis fechada, dogmática, dualista, legalista, beata - que caracterizava o antigo *paradigma transmissivo*; para uma praxis do pensável, da comunhão, da reflexão, do sentido crítico e da abertura - que parece caracterizar o paradigma atual - o *paradigma participativo*. Temos a convicção que só a ideia do professor cultural, poderá dar luz à ideia de especialização e à necessária compreensão e aceitação (acolhimento) das várias concepções de educação física. Ser especialista em determinada área, é dizer que se é nela, mas também fora dela - na *cultura*.

6. No tocante à *formação contínua e formação permanente* gostaríamos de diferenciar (em nossa opinião) estes dois sentidos. A *formação contínua* diz respeito à formação da especialidade, por isso científica, pedagógica, didática, técnica. Por seu lado a *formação permanente*, é mais ampla, é uma formação cultural, humana. Aliás quando nos situamos nos estudos sobre o "bom" professor (de educação física) (Camilo Cunha, 2008a,b) constatamos que as respostas mais frequentes dizem respeito ao conhecimento científico, pedagógico, prático, reflexivo, mas também ao saber cultural e espiritual

7. O apelo ético contém características estruturantes para uma ação universal:

Ressonância afetiva - pela partilha de emoções, afetos, poesia;
Estilo relacional - pelo sentido comum e comunitário. Comunidades altruístas, alteridade, pertença, valorização, atenção, cuidado. A ética tor-na as pessoas melhores;

Estilo ontológico - ser em si, o ser para si, ser experiência (imanência, transcendência);

Estilo Ecológico - Eu, comunidade, natureza;

Estilo íntimo - a passagem da potência à ação. Eu não quero realizar, eu quero magia

8. O caminho pedagógico é uma invenção da educação e da escola que viu aí uma forma de rechear a interioridade e a exteriori-

dade do homem. Nas várias idades da história do homem - recolha de vegetais, frutos, caça; agricultura; comércio; técnica (...) a presente idade; idade. No entanto constata-se que esta idade (técnica) é de *grande exterioridade* - tecnologia, projetos, materiais, ciência, digital (real e virtual), mas de uma *frágil interioridade* - ser, espírito.

A questão que poderá ser colocada e de como fazer a caminhada para que o homem possa sobreviver à dimensão exterioridade - negócio, poder, ideologia, exploração. A *escola* (sentido pedagógico) ainda poderá ser esse envolvimento de construção da interioridade. O homem tem necessariamente ter interioridade para ser feliz.

A escola como oficina do homem pleno (Comenius). A interioridade na escola poderá ser dada pela *cultura (conteúdo pedagógico)*. Nem toda a cultura é boa. A boa cultura é uma atividade criadora do espírito humano com sentido axiológico. Professor cultural dá sentido à cultura e a tudo o que faz - Professor e escola (cultural) tem em si o sentido da paideia grega, da *humânita romana*, da *Bildung*, como caminhada, aventura, viagem.

Professor e escola (cultural) tem em si o sentido das boas práticas. As boas práticas não são da ordem curricular (instrumental), mas, como refere Patrício (2009) da ordem das várias maneiras:

- letiva (curricular); hétero-determinada
- extra-letiva : hétero e auto-determinada
- Interativa: auto-determinada (interdisciplinar)
- ecológica (cívica): sobre-determinação.